

Artigo

**ASPECTOS DA INFLUÊNCIA DO ADSTRATO TUPI NO
LÉXICO DO PORTUGUÊS DO BRASIL**

Waldemar Ferreira Netto*

Resumo

Neste ensaio, o que se pretende é verificar, a partir da história externa e de fatos contextuais, por que o adstrato tupi tem sido tomado como fator de diferenciação do português do Brasil em relação ao português falado em Portugal. A influência do léxico tupi, freqüentemente supervalorizada, tem sido o principal argumento para justificar essa diferença. Será, portanto, tomando o léxico como ponto de partida, que serão feitas essas ponderações.

Palavras-chave

Português do Brasil. Léxico. Tupi.

Parece um pouco fora de propósito estarmos, hoje, discutindo a influência da língua tupi no léxico do português do Brasil. Essa é uma questão que remonta ao século passado, entre os acadêmicos, tendo sido, até mesmo, tema para prova de ingresso na carreira docente dos colégios Pedro Segundo, no Rio de Janeiro, e Caetano de Campos, em São Paulo. A esse respeito, já se manifestaram desde Gonçalves Dias e José de Alencar, Mario de Andrade e Oswald de Andrade, Amadeu Amaral, Teodoro Sampaio, Antenor Nascentes e Said Ali, até especialistas como Serafim da Silva Neto, Mattoso Câmara e Aryon Rodrigues. Entretanto, essa é uma discussão que apasiona e apavora, como disse o prof. Aryon Rodrigues:

"(...) o prazer de descobrir a origem das palavra e das coisas, que faz da etimologia uma disciplina interessantíssima, mas também extremamente perigosa, tem levado amadores, bem

* Professor de Línguas Indígenas da Universidade de São Paulo.

como especialistas de outros estudos que não a lingüística, a tentar contribuir para a explicação dos brasileirismos. Em consequência, porém, da falta de método apropriado e da incontrollada fantasia, chegam não raro os diferentes autores às mais diferentes conclusões, isto é, a conclusões em grande parte falsas." (Rodrigues, 1958:1)

É possível tomar algum exemplo que facilmente poderia nos trair na busca a essas origens. Um equívoco de Monteiro é bastante ilustrativo. Diz ele:

"Toca: Furna, esconderijo, buraco. São também correntes as derivações *tocaia*, *emboscada*, e *tocaiar*. Toca em tupi significa o que cobre a casa, o refúgio: *oca* é o supino de *og*, cobrir, tapar, usado como substantivo; *t* é o demonstrativo geral." (1959:134)

Ora, sabe-se que na língua oral descrita por Anchieta era fato já conhecido que alguns nomes iniciados em "t-", forma absoluta, fizessem variações em "s-" e "r-", em casos bem determinados. Assim, "t-esá", 'olho', na forma absoluta, fazia "s-esá", 'olho dele' e "xer-esá", 'meu olho', sendo que esta última forma ocorria somente quando o radical "-esá" viesse precedido de um pronome de primeira ou segunda pessoa ou de outro nome, "kunhã r-esá", 'olho de mulher'.

Estabelecendo-se uma analogia entre as regras descritas e a forma radical "-óka" do tupi, que se verifica, na própria gramática do Anchieta, ser uma dessas que variaria entre "t-", "s-" e "r-", como se vê em "óca", 'casa', com seus compostos, *çóca*, *eius*" (Anchieta, 1595:3v), facilmente é possível deduzir uma forma com "t-": *t-óca. Bem, esse método já consagrado, tendo sido de largo uso no final do século passado pelos comparatistas europeus, que o aplicavam com maestria para deduzir a língua indo-européia das línguas latinas atuais. No entanto, aprofundando-se a pesquisa, verificar-se-á que a forma *t-óca, hipotética, não aparece nas obras em língua geral, em tupinambá e em outras. Aliás, o próprio Anchieta escreve "óca", em "t-", para a forma do absoluto. Além disso, consultando alguns dicionários, logo é possível encontrar "toca" em contexto diverso do da língua falada no Brasil. Caldas Aulete averba, em 1881, em Lisboa:

"Toca (tó-ca), s.f. buraco no tronco de árvore, na terra ou em rocha, onde se recolhem coelhos ou alguns outros animais; covil// (Fig.) Casa pequena e pobre: Vives n'uma toca.// F. hisp. Tueca." (p. 1019)

Ele atribui a origem ao espanhol, coisa que se poderia discutir ainda. O que nos admira é não haver referência ao ato de ser ou não um brasileirismo no verbete. Para tirar a teima, vejamos:

"Oca, s.f. (Bras.) casa de indígenas." (p. 402)

Nesse caso, não nos resta dúvidas, trata-se da mesma "óca" de Anchieta. Pois bem, o dicionarista reporta-se claramente ao fato de o termo ser um brasileirismo. Zelosos de sua língua, os portugueses cometeriam um deslize de tomar um brasileirismo por uma forma vernácula da língua? Dificilmente seria possível eles terem esquecido suas tradições, tomando uma forma indígena por outra portuguesa. A definição de "toca" no dicionário nos leva a crer no uso disseminado e comum do termo, em Portugal, no século passado. Não há porque considerá-lo, *a priori*, de origem tupi.

Para ter uma certeza ideal, deve-se ir à fonte que teria dado origem ao termo ou aos termos, de uma maneira geral. E, para isso, deve-se não perder de vista que a língua existe como forma de acordo mútuo entre os interlocutores, para relacionar seqüências fonológicas específicas a conceitos específicos, extraídos da realidade extralingüística. Embora arbitrária na teoria, essa relação é obrigatória na prática.

Se é possível verificar que um dado vocábulo já era usado no português antes de Cabral chegar ao Brasil e ter o primeiro contato com a língua tupi, dificilmente se poderá comprovar a origem tupi desse vocábulo. Mas, e o inverso, isto é, um vocábulo usado no português, somente depois da chegada de Cabral ao Brasil, e, particularmente, usado no Brasil, se não foi herdado de portugueses, o foi de quem? A herança involuntária, nesse caso, teria sido provavelmente tupi ou africana. Deixando de lado a última, ainda nos resta uma dúvida: por saber que a língua é um acordo teórico entre os interlocutores e uma obrigação, na prática, em que momento da história, os portugueses aceitaram substituir sua língua, num vocábulo que fosse, pela língua dos indígenas "nus e antropófagos"? Como eles firmariam um contrato com essa gente "tão estranha e bárbara que nem religião tinha"?

Numa rápida consulta ao vocabulário de Cunha (1978), verifica-se que permaneceram no português do Brasil termos do tupi que representam, em sua maioria (80%), nomes de plantas e de animais. Os 20% restantes reportam a uma grande variedade de fatos. Vejamos uma amostragem tomada aleatoriamente, que poderia ser de uso comum entre nós: caboclo, caipira, biboca, capoeira, coroca, cumbuca, curupira, cutuba, guri, jirau, maraca, mingau, mo-

quém, pereba, peteca, pipica, piruá, samburá, saci, socar, taba, tabaroa, tacape, tapera, tapiri, tijuco, tipóia e tocaia.

Dentre esses, quais substituíram termos portugueses?

Caboclo e **caipira**, facilmente, poderiam ter sido substituídos por mestiço ou crioulo; **biboca** e **tapera** por cova, grotta, casinha, casebre ou, até, casa abandonada; **capoeira**, por clareira; **coroca**, por decrepita; **cumbuca**, por vasilha ou pote; **cutuba**, por esperto, valente ou simpático; **guri**, por menino; **ji-rau**, por cama, prateleira ou estante; **maraca**, por chocalho; **mingau**, por creme; **moquém**, por assado; **pereba**, por ferida ou machucado; **samburá**, por cesto ou canastro; **socar**, por amassar; **taba**, por aldeia; **tabaroa**, por moça; **tacape**, por clava ou lança; **tapiri**, por choupana; **tijuco**, por barro; **tipóia**, por rede e **tocaiá**, por emboscada.

Apenas **saci**, **curupira**, **pipoca**, **piruá** e **peteca** parece não poderiam ter sido substituídos com facilidade. Pode-se explicar isso com o mesmo motivo que se daria para os vegetais e animais com nomes tupi. Por que "jacaré" e não "crocodilo"? Pelo mesmo motivo de não ser outra coisa que "tatu" e "tamanduá" o tatu e o tamanduá. Emprestou-se o nome e a coisa, a seqüência fonológica e o conceito. Esse foi o acordo e a herança nesse caso. Nos demais, o acordo e a herança poderiam ter sido evitados, pois havia um correspondente. Tratar-se-ia, talvez, de um empréstimo consciente, se havia opção? Nessa relação entre o que dá e o que toma emprestado, parece haver um desequilíbrio de adequação e prestígio. Por que, hoje, ouvimos falar em *song-book* e não mais em "cancioneiro", como, certa vez, se ouviu dizer o poeta Carlos Drummond numa entrevista? Nesse caso, não parece haver empréstimo, mas imitação. Mas, teriam os portugueses imitado os indígenas como, hoje, fazemos aos estadunidenses?

Quando chegaram à América, os portugueses depararam-se com o indígena tupi que habitava toda a costa, naquela época. Tratava-se de diferentes grupos: gaitacazes, tupinambás, tupinás, carijós e outros. Malgrado essa diversidade, os portugueses puderam encontrar uma certa unidade lingüística e cultural entre eles, que lhes permitia defini-los como um só grupo, o tupi, em oposição aos tapuia, que eram todos os demais, indistintamente. Esse grupo genérico, batizado "tupi", também falava uma língua genérica, também batizada "tupi" (mas, ainda, "língua geral", "língua mais usada na costa do Brasil" e outros), que, apesar de algumas diferenças regionais, mantinha alto grau de intercompreensão entre os habitantes do litoral. Atualmente, seria difícil precisar a que grupo pertenceria essa ou aquela variação lingüística, embora seja possível verificar a sua existência. Dessa maneira, considera-se tupi, lingüísti-

ca e culturalmente, a língua que os europeus (portugueses, alemães, espanhóis, holandeses e outros) documentaram, quer nos seus relatos de viagem, quer nas gramáticas realizadas com esmero, sobretudo pelos padres jesuítas, quer também, pelos demais textos escritos que elaboraram como poesias, sermões, teatros, catecismos etc. A língua falada, a cultura viva que deixou marcas até hoje, apesar de não estar mais à disposição para uma pesquisa *in vivo*, *in loco*, pode ser recuperada a partir das boas fontes documentais que ficaram.

A necessidade de manter contato com os habitantes da nova terra, que lhes poderiam auxiliar como "guias" ou como "mão-de-obra", leva os portugueses a apreenderem a língua tupi, que, desde esse primeiro momento da história do Brasil, aparece como adstrato do português do Brasil e veículo de contato interétnico. A esse respeito, a própria carta de Caminha é bem ilustrativa:

"E mandou [o capitão] com eles [os índios], para lá ficar, um mancebo, criado de D. João Teles, a quem chamam Afonso Ribeiro, para lá andar com eles e saber do seu viver e maneiras." (Guedes, 1989:127)

Durante a colonização, a necessidade de mão-de-obra indígena torna-se imperiosa. No entanto, a "caça ao índio bravo" era cara, danosa e nem sempre com bons resultados; em vista disso, os portugueses preferem incentivar os padres catequistas a fazerem o aldeamento dos índios em torno das vilas portuguesas. Nessas aldeias, com os índios tupinizados pela catequese, a língua tupi era o veículo de comunicação. Essas reservas de mão-de-obra, como que precursoras do "exército industrial de reserva", da colônia, agrupavam os índios e índias mansos, tornando o seu convívio com os portugueses cada vez mais intenso. A proximidade de ambos, física e culturalmente, associada à ausência da mulher branca, termina por provocar o cruzamento interétnico - mulher índia e homem português - e o conseqüente aparecimento do mameluco, filho dessa comunhão. A esse respeito, o Pe. Manuel Nóbrega diz em suas cartas:

"Nesta terra há um grande peccado, que é terem os homens quasi todos suas Negras por mancebas, e outras livres que pedem aos Negros por mulheres, segundo o costume da terra que é ter muitas mulheres." (1988:79)

Esse mameluco bilíngüe, segundo Darcy Ribeiro (*Os brasileiros II. O Brasil rústico. ms.*), é o embrião de duas subculturas: a caipira e a caiçara, no interior e no litoral sul, respectivamente, e a cabocla, na região amazônica.

Língua de índios e mamelucos, durante os grandes percursos das bandeiras pelo interior do Brasil, era inevitável a sua disseminação, quer cristalizando-se na toponímia dos locais por onde passavam, como, por exemplo, é o caso do rio Anhembi, rebatizado Tietê, quer assentando-se na população das novas vilas que fundavam pelo caminho.

Todo esse processo de veiculação da língua e da cultura tupi sofre, no entanto, uma interrupção brusca, quando o Marquês de Pombal, em meados do século XVIII, expulsa os jesuítas e proíbe o uso e o ensino da língua tupi no Brasil, a exemplo do que ocorrera na Europa, no tempo das conquistas latinas.

Após esse período, um século depois, aproximadamente, o tupi é retomado, não mais como adstrato e veículo de comunicação interétnica, mas como fator de identificação nacional, levantado pela bandeira indianista do romantismo. No país recém tornado independente, era mister que se buscasse em suas origens elementos que o distinguíssem da metrópole colonizadora. O índio era esse elemento: não o índio pré-cabralino, autóctone, mas o índio "aportuguesado", tupinizado. Assim, Gonçalves Dias escreve o poema I-Juca-pirama, faz um dicionário tupi-português, José de Alencar escreve *O Guarani*, *Iracema*, *Ubirajara*... buscando na língua e na cultura tupi as origens de uma identidade brasileira.

Desde o romantismo brasileiro, a língua portuguesa falada nestes lados de aquém mar cumpre o papel simbólico de atribuir ao seu falante nativo uma identidade nacional. Assim, desde o período colonial, o brasileiro procura fincar raízes culturais na sua própria terra, de maneira a mostrar-se independente do comportamento que, outrora, impunha-lhe a metrópole. Nesse contexto, as figuras do indígena e de sua língua aparecem como ramificações seguras para sustentar a identidade nacional que era desejada.

O mesmo nacionalismo reaparece alguns anos mais tarde nos discursos de Rui Barbosa, nas obras de Carlos Gomes, no "tupi or not tupi" de Oswald de Andrade. No entanto, ainda que no modernismo essa tendência não se mostre tão rígida, a identidade nacional que se poderia buscar, por exemplo, na permanência da consoante retroflexa do dialeto caipira, não é o que interessa aos cultores dessa idéia, mas, sobretudo, é o vocabulário de origem tupi o que interessa, o que se divulga. Esse dialeto caipira seria uma consequência direta da língua geral falada pelos paulistas no período colonial.

Assim, nota-se que a influência das línguas indígenas, particularmente a tupi, restringiu-se à formulação de alguns traços de certos falares regionais

do português do Brasil. A descrição desses traços ainda está para ser feita de maneira objetiva e científica, de acordo com as tendências atuais dos estudos dialetológicos e lingüísticos que têm sido realizados. Será somente a partir de estudos comparativos entre a história externa do português do Brasil, trazendo à luz situações, regiões e períodos em que o contato lingüístico se fez presente, bem como de estudos que verifiquem a que tipo de influências está sujeito o falante nativo da língua indígena, quando adquire o português como segunda língua, que poderemos interpretar o alcance da influência que o tupi teve na formação dos dialetos regionais do português do Brasil.

No que tange ao léxico, pouco há que se considerar além daquilo que já se disse. O fato é que, retomando o acordo que fizeram os portugueses com os tupi, tomando-lhes alguns vocábulos de empréstimo e imitando-lhes outros, esse mesmo acordo foi realizado dentro da própria casa, com o filho imitando a mãe e o pai; tomando-lhe de empréstimo não apenas o vocábulo, mas toda a língua. Não se deve perder de vista que esse casamento ocorreu há 500 anos, ou quase, e o divórcio subsequente há 250 anos, ou quase. Órfãos da mãe índia, ficamos vivendo com o pai português até o século passado e hoje, de mão em mão, parecemos ter adotado nosso rico irmão do norte como tutor e modelo de conduta.

Ainda assim, o tupi permanece como um fator de identificação nacional, persistindo na memória de muitos como o seu elemento de origem, ainda que não o seja. Por exemplo, como atesta a Profa. Edith Pimentel Pinto, em sua obra *A língua escrita no Brasil*, numa de suas pesquisas, ao indagar "Que língua você fala?" a informantes que se sabia de antemão serem falantes de língua portuguesa, recebeu algumas respostas como: "guarani", "guarani indígena", ou, ainda, "tupi-guarani". Assim, pode-se pensar que é o mesmo espírito mameluco de mãe índia e pai português que sobrevive nas culturas caipira, caiçara e cabocla, de um bilingüismo abortado ainda na adolescência.

Abstract

In this paper, I intend to analyse the external history and contextual facts of tupi adstrat, because it had been considered as a main trace by "português do Brasil" deviation of a portuguese pattern. In this sense, the lexical interference has been supervalorized. Then, I will take it, as a starting point, to consider this problem.

Keywords

Brazilian Portuguese. Lexicon. Tupi.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANCHIETA, J. (1595). *Arte da Gramática da língua mais usada na costa do Brasil*. Lisboa, Antonio de Mariz.
- AULETE, C. (1881). *Diccionario contemporaneo da lingua portugueza*. Lisboa, Antonio Mario Pereira.
- CUNHA, A. G. (1978). *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. São Paulo, Melhoramentos/EDUSP.
- GUEDES, M. J. (1989). *O descobrimento do Brasil*. Lisboa, Vega.
- MONTEIRO, C. (1959). *Português da Europa e português da América*. 3a. ed. Rio de Janeiro, Acadêmica.
- NÓBREGA, M. (1988). *Cartas do Brasil*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUSP.
- RODRIGUES, A. D. (1958). "Contribuição para a etimologia dos brasileirismos" em *Revista Portuguesa de Filologia*, IX (I-II), Coimbra, pp. 1-54.
- SILVA NETO, S. (1963). *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 2a. ed., Rio de Janeiro, INL.

Artigos

A INVENÇÃO DO COTIDIANO

Michel de CERTEAU

Tradução feita por JOSÉ LUIZ MIRANDA*

Revista por: NORMA GOLDSTEIN

Resumo

O texto examina a questão da leitura e de seu alcance. Analisa o papel social e ideológico da leitura, na formação do leitor.

Palavras-chave

Leitura. Recepção de texto. Formação do leitor.

Capítulo XII

LER : um caçar às escondidas

* Arrêter une fois pour toutes le sens des mots, voilà ce que veut la Terreur.*

Jean-François Lyotard, *Rudiments païens* **

Há muito tempo Alvin Tofler anunciava o nascimento de uma "nova espécie humana", engendrada pelo consumo artístico de massa. Esta espécie em formação, transumante e voraz entre pastagens da mídia, teria como traço dis-

* Bacharel e licenciado em francês e português pela USP; licenciado em Letras pela Univ. de Nancy II.

** "Deter de uma vez por todas o sentido das palavras, eis o que quer a Terreur" – Jean-François Lyotard, *Rudiments païens*

*** "la Terreur": período revolucionário (31.05.1793 a 27.07.1794) que pesou sobre a França, marcado por regime autoritário e sanguinário; época em que as cabeças rolavam na guilhotina.